

**A CONSTRUÇÃO DA CIDADE SEM LEI:
O discurso do jornal *O Estado* sobre a violência urbana em Timon no início dos
anos 90.**

THIAGO OLIVEIRA DA SILVA BRITO*

RESUMO

O presente artigo aborda o discurso da imprensa teresinense acerca da violência urbana em Timon no início da década de 1990. Através da análise de matérias publicadas no jornal *O Estado* nos anos de 1990 e 1991 espero apontar as características do discurso do periódico acerca da temática referida e a relação entre o posicionamento político-ideológico que tal discurso representa e o contexto das práticas sociais em que os agentes da mídia teresinense estavam inseridos. Para tanto, tomo como referência a proposta de análise de discurso textualmente orientada (ADTO) elaborada por Norman Fairclough em sua obra *Discurso e mudança social*. Deste modo, após a apresentação do corpus documental abordado, discuto uma matéria pela ótica da análise dos aspectos textuais, da prática discursiva e da prática social a que cada texto remete para, ao final, analisar como o discurso do referido jornal representava o problema da violência urbana em Timon e se posicionava frente a este problema.

Palavras-chave: Discurso. Violência Urbana. Timon. Imprensa.

“Surge uma nova baixada”.(SURGE) “Abandonada e sem lei Timon sofre com o descaso do poder”.(ABANDONADA) “Quadrilha disputa espaço em Timon e já matou 24 pessoas”.(QUADRILHA) Durante os anos finais da década de 1980 e o início da década de 1990, as matérias do jornal teresinense *O Estado* eram enfáticas na tarefa de denunciar os problemas enfrentados pelos moradores da vizinha cidade. Num momento em que a mídia local como um todo discutia o que era dito como o aumento da violência urbana em Timon, provocada pelo incremento do tráfico de drogas, a imprensa passava a ocupar um lugar fundamental na orientação do debate sobre o tema e, por conseguinte, na definição da identidade de timonenses e teresinenses.

Tendo em vista a centralidade assumida pela mídia nesse conturbado momento de disputas sociais e políticas em torno das práticas sociais e da identidade de timonenses e teresinenses é que escolhi analisar o discurso do jornal *O Estado* acerca da violência

urbana em Timon, sobretudo nos primeiros anos da década de 1990. Perscrutando as características textuais de suas matérias, a forma como seus cronistas escolhiam suas palavras e montavam seus textos, espero descobrir características de suas práticas discursivas que sirvam como indício da posição política assumida pelo periódico junto ao problema e da ideologia subjacente a este discurso.

Nesta tarefa, tomo como inspiração a metodologia proposta por Norman Fairclough em sua obra *Discurso e mudança social*.(FAIRCLOUGH) Deste modo, considerando válido o modelo teórico definido pelo autor, procuro analisar o discurso das matérias de jornal numa perspectiva tridimensional, considerando-o enquanto texto, prática discursiva e prática social, para, a partir daí, conseguir demonstrar a relação dialética existente entre os discursos e as práticas sociais na construção de ideologias responsáveis pela manutenção ou transformação de relações hegemônicas de poder entre os diversos setores da sociedade.

Convém destacar que aqui utilizo os conceitos de discurso, prática discursiva, ideologia e hegemonia adotados pelo autor em sua obra acima referida. Deste modo, quando me refiro a discurso, considero o mesmo como “uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH: 91), o que implica reconhecer que os discursos ocupam papel fundamental na construção das práticas sociais, sem, no entanto, descartar a influência que tais práticas, por sua vez, exercem no próprio discurso. A experiência humana, portanto, é construída num processo dialético que envolve tanto as práticas discursivas quanto as práticas sociais efetivas.

As práticas discursivas, nesta perspectiva, envolvem os processos de produção, distribuição e consumo textual no âmbito dos quais os discursos são proferidos. A dinâmica de enunciação de discursos e a configuração destas práticas geralmente leva à afirmação de ideologias, aqui vistas como “significações/construções da realidade [...]que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução e ou a transformação das relações de dominação”.(FAIRCLOUGH: 117)

Considero válida a interpretação de Gramsci de que as ideologias não se impõem de forma estática e completa, mas sim num dinâmico processo que envolve dominações e resistências, dentro dos quais se afirmam relações hegemônicas de poder. Nesta ótica,

hegemonia aqui será entendida como “o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’”. (FAIRCLOUGH: 122)

Seguindo este modelo, inicio a discussão apresentando o corpus documental no qual minha análise está fundamentada e a matéria tomada como exemplo representativo do discurso presente em tal coleção. Parto então à análise textual da matéria, segundo as orientações da Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO) a partir da qual recolho dados fundamentais para construir uma interpretação acerca da ideologia presente no discurso do jornal *O Estado* e sua relação com o contexto social de discussão da violência urbana em Timon no início da década de 1990.

1 Uma análise crítica do discurso do jornal *O Estado*.

Para fundamentar este trabalho, utilizei como corpus documental um conjunto de matérias acerca da violência urbana em Timon, publicadas no jornal *O Estado* entre maio de 1986 e dezembro de 1992.¹ A escolha deste recorte temporal não se deu por acaso. Em trabalho anterior de minha autoria, através do mesmo conjunto de fontes, descobri que durante esse período ocorreu na cidade um conflito, largamente noticiado pela imprensa piauiense como uma briga de gangues pelo controle de áreas do tráfico de drogas em torno do qual eclodiu um vigoroso debate sobre a violência urbana e suas consequências. Tal debate, inclusive, alcançaria seu ápice por volta do ano de 1991, quando o assassinato do representa Sebastião Dias de Araújo levou a polícia local a uma intensa corrida pela prisão de Zaratustra Yáscara Douglas, conhecido como Zara que se notabilizou nas páginas dos jornais locais como o bandido que atemorizava as cidades de Timon e Teresina.²

¹ Mais especificamente os meses de maio a setembro de 1986; março, julho e agosto de 1987; março, setembro, outubro e dezembro de 1988; janeiro, fevereiro, abril, agosto, setembro, outubro e dezembro de 1989; janeiro, março, setembro e dezembro de 1990; janeiro, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 1991; e janeiro, fevereiro e março de 1992.

² Para mais informações a respeito, conferir BRITO, Thiago Oliveira da Silva. *Assim viveu Zaratustra: tensões na construção da memória de um bandido-herói*. (Timon, 1986-1992). 2007. 107 fl. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

No entanto, considerando a atenção e cuidado que o método da análise de discurso textualmente orientada requer, selecionei dentro desta longa coleção uma matéria publicada em setembro de 1991, onde, numa atitude de posicionamento explícito, o jornalista se coloca frente ao problema da violência e tece seus comentários de forma corrosiva, apresentando textualmente uma postura implícita em todo o corpus documental. Publicada em uma caixa de texto, na terceira página do periódico, com o título de *Surge uma nova baixada*, a matéria tinha o seguinte conteúdo:

Surge uma nova baixada

Chegou a hora de um basta à onda de violência na vizinha cidade de Timon. embora se trate de outro Estado, não resta dúvida de que a criminalidade e a impunidade na cidade limítrofe traz reflexos e repercussões negativas para o Piauí, notadamente Teresina. Afinal há estreita convivência sócio-econômica entre as duas cidades.

A polícia de Teresina, embora sabendo da existência de grupos de extermínio em Timon, é incompetente para resolver as questões policiais que lá ocorrerem. Há também informações concretas de pontos de tráfico de drogas na vizinha cidade, que vem funcionando como uma espécie de fornecedora de drogas para os viciados locais.

Também não se pode contestar que Timon vem servindo de esconderijo das principais quadrilhas de assaltantes e arrombadores que atuam em Teresina. Nos bairros periféricos daquela cidade estão localizadas as chamadas “tocas” ou “coitos” de marginais teresinenses.

Muito se falou sobre as facilidades como os marginais oriundos do Maranhão em Teresina, refugiando-se, em seguida, nos esconderijos existentes em Timon.

Também questionou-se sobremaneira a fragilidade do aparelho policial timonense.

Mas o momento atual atingiu níveis insuportáveis, com sérias conseqüências também para os teresinenses. O marginal que vive na mais completa impunidade do outro lado do rio, para agir em Teresina basta atravessar uma das pontes, onde não há qualquer fiscalização e onde são livres o trânsito e o porte de armas e drogas.

A segurança exige uma ação conjunta entre as Secretarias de Segurança do Piauí e do Maranhão, antes que Timon se transforme numa espécie de Baixada Fluminense e local de desova dos criminosos que agora acintosamente se intitulam justiceiros.

Os assassinos profissionais chegaram ao cúmulo de freqüentar as redações de jornais e noticiar, quem serão as suas próximas vítimas. Na mais completa impunidade.(SURGE)

Em primeiro lugar, nossa amostra global pode ser caracterizada fundamentalmente como formada por textos jornalísticos, o que também se aplica ao extrato acima. No entanto, o mesmo tem um tom de artigo de opinião, visto o posicionamento assumido pelo autor em seu desenvolvimento. Como produção textual

voltada para o consumo do grande público, a narrativa do autor necessariamente guarda estreita relação com as demandas e valores de seus consumidores, cujos discursos, portanto, interferem de forma substancial para a configuração do texto. Tal fato se torna evidente pelo modo como o texto está orientado, tendo sido escrito para ser falado, num claro estilo argumentativo que busca convencer o leitor e gerar consenso em torno da opinião do articulista.

Além do seu público alvo, outro discurso que se articula com o texto do jornalista é o da polícia, sobretudo de Teresina, visto que, logo no segundo parágrafo, o autor pressupõe o conhecimento da mesma acerca dos grupos de extermínio de Timon e logo adiante, quando acrescenta que “há informações concretas” acerca dos pontos de tráfico, fica subtendido para o leitor que tais informações são oriundas da polícia de Teresina. A oração como um todo, aliás, é por demais sugestiva. Ao afirmar que “a polícia de Teresina, embora sabendo da existência de grupos de extermínio em Timon, é incompetente para resolver as questões policiais que lá ocorrerem”, o texto pressupõe que a polícia de Teresina gostaria de agir em Timon e, ao longo da matéria, o autor reúne argumentos para demonstrar que tal atuação, seria positiva, visto a incompetência dos agentes timonenses em combater os “pontos de tráfico de drogas”, as “tocas” e “coitos” de “marginais teresinenses” que encontram fácil refúgio na cidade devido à impunidade propiciada pela falta de fiscalização entre as duas cidades.

A enumeração de tais problemas enfrentados pela cidade de Timon pode ser considerada um exemplo de apropriação do discurso da polícia pela imprensa e, a representação indireta do mesmo, através do recurso à indeterminação dos sujeitos da oração: “Há informações...”, “não se pode contestar”, retira a subjetividade dos argumentos e leva o leitor a considerá-los como pressupostos naturais e inquestionáveis. Desta forma, o jornal age de forma ideológica, naturalizando o discurso da polícia ao incorporá-lo ao seu próprio sem a devida indicação de tal ato.

Além do discurso da polícia, a matéria do *O Estado* também faz eco aos discursos da mídia impressa de seu tempo. Ao comentar que “muito se falou sobre as facilidades como os marginais” teresinenses se refugiam em Timon e que “questionou-se sobremaneira a fragilidade do aparelho policial timonense” o autor se refere ao intenso debate sobre a violência urbana timonense que pude observar nas páginas de jornais como *O Dia* e *Diário do Povo*, os quais, desde o início da década de 1980 teciam

severas críticas à “impunidade” que parecia grassar na outra margem do rio Parnaíba e o tom indignado, categórico do cronista, expresso na sua defesa de que “chegou a hora de um basta à onda de violência” e que “o momento atual atingiu níveis insuportáveis”, além de um recurso retórico, também pode ser considerado como uma estratégia de diferenciação frente a ineficaz verborragia que implicitamente ele atribui aos demais periódicos.

Tal postura encontra-se reafirmada na própria coesão do texto, onde, após a afirmação do seu pressuposto logo na primeira linha: “Chegou a hora de um basta à onda de violência na vizinha cidade de Timon”, paulatinamente o autor encadeia as consequências negativas dessa violência para Teresina e, como vimos acima, a partir das críticas, deixa implícita a necessidade da intervenção da polícia teresinense em Timon, explicitada de forma concreta ao final da matéria pela defesa de uma “ação conjunta entre as Secretarias de Segurança do Piauí e do Maranhão”, e, para reafirmar sua defesa, encerra seu argumento demonstrando as consequências de ignorá-lo: a premente ameaça de Timon tornar-se uma “nova Baixada Fluminense”, hipótese reafirmada pela descrição da sua situação atual como cenário aterrorizante onde “assassinos profissionais” se intitulam “justiceiro” e chegam ao “cúmulo” de frequentar as redações para noticiar seus crimes.

Chama-nos a atenção, no entanto, como, apesar da tenacidade das críticas e do questionamento da competência da polícia timonense e da própria mídia que a análise sugere, a forma como o texto foi escrito demonstra uma polidez evidente entre o autor e os alvos de seus questionamentos. Parece certo que, no entendimento do autor, são as autoridades e a força policial timonense os principais responsáveis pelo prolongamento da “onda de violência”, mas em nenhum momento os mesmos aparecem referidos como sujeitos das ações. Ao contrário, quem ocupa o lugar do tema na maioria dos enunciados são a cidade ou os “marginais”, esses últimos os únicos alvos de crítica direta e violenta.

A própria identificação do repórter com as informações que utiliza como princípios de seu argumento demonstra esse posicionamento cuidadoso, provavelmente numa antecipação às futuras críticas por seus interlocutores. Por exemplo, embora o mesmo relate as “informações concretas” sobre o tráfico de drogas timonense como inquestionáveis, quando se refere à “fragilidade do aparelho policial timonense”, já

apresenta essa informação de forma mais distante: “também questionou-se”, numa clara intenção de demarcar os limites as críticas diretas ao referidos agentes e seu próprio posicionamento.

2 Uma interpretação da posição político-ideológica do jornal *O Estado*

Cotejando as informações explicitadas pela análise acima com a dinâmica geral do discurso das fontes do corpus documental e interpretações históricas sobre o contexto do debate acerca de violência urbana em Timon no início da década de 1990 podemos compor um quadro das linhas gerais do discurso do periódico que possibilite situar sua influência sobre as práticas sociais em que o mesmo se inseria.

Inicialmente, mostrei ser evidente uma apropriação do discurso da polícia pelo cronista, que, pela sua representação indireta e pela modalidade objetiva observada na análise, demonstra o papel d’*O Estado* como um veículo de transmissão e naturalização do discurso policial, contribuindo para a reafirmação da competência e reafirmação de seu papel regulador na sociedade. O que se tornará ainda mais evidente quando, em março de 1992, a polícia de Timon se tornou alvo de severas críticas devido à morte do famoso bandido Zara e, assumindo a defesa da corporação em seu próprio editorial, o periódico afirmaria que “quando há um desdobramento do esforço do governo no combate à violência não são marginais que impedirão a atuação policial contra a criminalidade. E, principalmente contra a impunidade”. (JUSTIÇA)

O pequeno extrato acima tem a capacidade de evidenciar uma verdadeira “missão civilizadora” encampada pelo periódico que, em sua cruzada contra a impunidade ora denunciava severamente as fraquezas do aparato policial, ora louvava sua atuação frente aos “marginais”. A mudança no tom do discurso, inclusive, aponta uma mudança de posição que indica um direcionamento político mais profundo, a busca do jornal de construir um consenso acerca da execração da dita insegurança da cidade capaz de fundamentar uma aceitação do incremento da atuação policial entre seus leitores.

Além disso, a referência aos prejuízos provocados em Teresina pela criminalidade timonense e o velado menosprezo das forças policiais da vizinha cidade demonstrado na primeira matéria se relacionam com uma histórica rivalidade, a qual se insere num

complexo processo de formação da identidade das duas cidades, dentro do qual os problemas causados pelo tráfico de drogas e a violência urbana ocuparam um papel central e serviam como fundamento para críticas e felicitações de lado a lado. A aproximação entre o cronista e a polícia local, sugerida pelo contraste entre a matéria e a pequena citação acima, indica que, no início de 1992, para a redação do jornal *O Estado*, se a cidade vizinha ainda não tinha superado o estigma de “cidade sem lei”, pelo menos seus vizinhos reconheciam seu esforço no sentido de fazê-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SURGE uma nova baixada. *O Estado*. Teresina, 24 set. 1991. Ano XXI. Nº 5.600. p.3.

ABANDONADA e sem lei Timon sofre com o descaso do poder. *O Estado*. 6 ago. 1991. Ano XXI. Nº 5.710. p. 5.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRITO, Thiago Oliveira da Silva. *Assim viveu Zaratustra: tensões na construção da memória de um bandido-herói*. (Timon, 1986-1992). 2007. 107 fl. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

QUADRILHA disputa espaço em Timon e já matou 24 pessoas. *O Estado*. Teresina, 15 ago. 1989. Ano XIX. Nº 1.032. p. 1.

van DIJK, Teun. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.